

# Do vivido ao construído: alguns referenciais do patrimônio cultural de Araxá

Glaura Teixeira Nogueira Lima\*

---

**Resumo** – Este artigo trata de algumas reflexões nascidas durante a elaboração da tese de doutorado por mim defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2007, com financiamento do CNPq, cujo mote propôs analisar a forma como se deu a materialização de Araxá enquanto cidade-balneário e as intensas relações espaciais, sociais e culturais nela presentes. O propósito da discussão agora é a organização do urbano, mais especificamente sua interface com a natureza, com os suportes materiais construídos e com a formação de identidades. Para tal, adoto como eixo de investigação três referenciais – o Barreiro, a antiga Praça Governador Valadares e a Praça Coronel Adolpho, desde a sua concepção na década de 1910 até a recente demolição do mercado municipal. Esse percurso vem iluminar algumas tentativas de criar e recriar a cidade, reveladas nas representações, nas práticas, nas temporalidades e na materialidade construída, isto é, no seu patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** natureza, urbanismo, identidade, patrimônio cultural.

---

*(...) A principal função da cidade é converter o poder em forma,  
a energia em cultura,  
a matéria inanimada em símbolos vivos de arte,  
a reprodução biológica em criatividade social.*

**Lewis Mumford**

Assim como muitas outras cidades, Araxá mostra um espaço construído a partir de um espaço natural. Mas as cidades precisam e devem distinguir-se umas das outras. Aqui, o traçado adquirido, produto de um processo amplo de mudanças, apresenta uma multiplicidade de sinais. Há significativas referências históricas nos seus territórios físicos, ambientais e sensoriais que se mostram na ruralidade das fazendas, na materialidade das praças e ruas, das edificações públicas e particulares, mas também na sensibilidade e na sociabilidade dos seus habitantes – os personagens da história – em diferentes tempos.

Esses registros, porém, não se articulam de uma mesma forma. O que um

revela o outro oculta. Assim é que interpretar os sentidos de uma cidade, junto às generalidades e especificidades do país, exige, sobretudo, investigar sinais por mais miniaturizados que estes se apresentem. Essa é a lição de Carlo Ginzburg da qual não devemos nos esquecer.<sup>1</sup>

Sinais ou vestígios presentes na materialidade ou no discurso são representações das experiências vividas ou que se espera viver. Por meio deles investigamos valores, atitudes, concepções e ética. Pesquisamos sobre estilos de vida: modos de agir, de manifestar-se cultural e religiosamente, de trabalhar e de divertir. Sem contar que 84,2% da população brasileira vivem nas cidades, conforme indicam dados do IBGE (2007). As cidades são, portanto, um enorme campo de possibilidades de conhecimento. Lembremo-nos, pois, da paixão dos gregos por sua pólis.

A paisagem urbana modela-se como um artefato,<sup>2</sup> definida, ao longo do tempo, por elementos naturais e construídos. Compõe-se de um patrimônio cultural, entendendo-se por tal, o patrimônio histórico, artístico, arquitetônico, arqueológico, paisagístico, ambiental e tantas formas de expressão culturalmente produzidas. Afora o valor identitário – em torno desse patrimônio a comunidade se reconhece e se contempla – preservá-lo é um meio de assegurar o desenvolvimento sustentável. É um modo de promover a população, social e economicamente.<sup>3</sup>

Quanto maior o envolvimento com o passado, maior é a relação que mantemos com a nossa cidade. Em igual proporção amplia-se a responsabilidade que devemos ter com a extensão física do lugar onde vivemos. Os espaços de uma cidade são duradouros, ao contrário do sentido de provisoriedade da vida humana.

No passado, o caminho percorrido para transformar as feições do urbano passava por vias legais que, assim como hoje, pretendiam fazer de Araxá e do Barreiro modelos de cidade e de estância hidromineral. Ser uma cidade e ser uma estação balneária modelares significava integrá-las à urbanização tal como esta deveria ser. Além da qualidade da água, aspectos como luminosidade, pureza do ar, belas paisagens, higiene, saneamento público, ruas e avenidas reformadas e arborizadas desenhavam um quadro em que tais recursos agiriam, combinando-se mutuamente.

Em meados do século XIX, imperava ainda, no sertão de Minas Gerais, a visão tradicional de natureza associada à noção de dádiva divina. Mas as mudanças culturais do final daquele século afirmaram a premissa: primeiro, apropriar-se das riquezas naturais e, depois, por meio delas, gerar outras riquezas.<sup>4</sup>

Desde então, higienização e embelezamento foram preceitos empunhados com determinações legais para atender aos desejos dos moradores e dos visitantes. Todos deveriam descobrir a cidade pela aparência agradável, mas também pelos proveitos que ela pudesse trazer à saúde, ao bem-estar e ao crescimento material, ou seja, à prosperidade. Os chamados “melhoramentos” aliavam, portanto, aspectos urbanos, científicos e, evidentemente, políticos.<sup>5</sup>

A partir de 1890 e, sobretudo, nos anos 1920, a intenção era fazer de Araxá não só uma estância de águas minerais incomparáveis, bem como uma estação de “*crenotherapia e de villegiatura*” pela sua altitude, “pelo arejamento e instalação dos seus planaltos e pela beleza dos seus panoramas<sup>6</sup>”.

Araxá condensou as idéias de higiene, de salubridade e de urbanismo às noções de trabalho e de lazer, buscando agregar condições propícias para oferecer as águas revigorantes do organismo aos seus frequentadores. As iniciativas de médicos, engenheiros, geólogos, hoteleiros, administradores e publicitários tornaram-se perceptíveis na promoção de estudos científicos sobre a composição das águas, que, aliadas às condições naturais e ao conforto dos espaços públicos e privados, conquistaram respaldo técnico e demanda de visitantes.

O discurso higienista para exigir a limpeza e o apuro das vias e dos logradouros públicos foi utilizado como suporte ideológico para conduzir os problemas da cidade e legitimar as ações dos seus administradores.<sup>7</sup> Esse conjunto de idéias foi, por assim dizer, um instrumento para se conquistar elementos como saúde física, moral e, com isso, criarem-se formas de lazer.<sup>8</sup> O lazer como atividade “moderna” produzida no mundo capitalista associava-se a uma outra concepção de tempo livre, ou seja, ao tempo em que não se trabalha. É nessa perspectiva, quando são geradas novas atividades que atraem e distraem, muitas delas com fins comerciais, que Araxá tentou impor-se como uma opção de bem-estar para aqueles que queriam se distanciar do seu ambiente de trabalho e do próprio cotidiano.

A urbanização trouxe a sociabilidade e esta, por sua vez, a incorporação de novos padrões de comportamento. A variação do lugar, ou seja, nesse caso, a vinda para Araxá, vinculada à hidroterapia e aos benefícios climáticos, alterando hábitos e agregando outros, tornava-se vital ao alívio do ritmo em crescente tensão nos centros urbanos. Se as fontes de águas minerais do Barreiro potencializadas pela natureza à sua volta e por determinados espaços aprazíveis da cidade constituíram-se em redutos de lazeres e prazeres, firmaram-se também, desde então, como registros de identidades que se formavam. Deram lugar às experiências neles vividas cotidianamente. Permitiram que neles se constituíssem suportes materiais da memória individual e coletiva.

Da invocação ao bucolismo unida às novas tendências urbanísticas implantadas em Araxá no início do século XX abstraem-se, por ora, três referenciais: as antigas praças Coronel Adolpho e Governador Valadares e, naturalmente, o parque do Barreiro na sua concepção anterior à do Complexo Termal implantado nos anos 1930-1940. Tais territórios trazem consigo experiências vividas, outras construídas materialmente e tantas mais produzidas culturalmente, ao ponto de formarem, volto a frisar, elementos constitutivos do nosso patrimônio histórico.

O jardim e o coreto da antiga praça Coronel Adolpho foram inaugurados em 1918, compondo o desenho interno da praça que já contava com o prédio da sub-estação de luz. A velha igreja matriz e os casarões já centenários cercavam o espaço riscado pela técnica.<sup>9</sup> O novo traçado, recortado por passeios que uniam os canteiros ao coreto e aos demais pontos, incluía áreas específicas para os bancos. Com isso, certamente, novos hábitos foram introduzidos, os quais recebiam a definição de “divertimentos<sup>10</sup>”. O gramado e os canteiros causavam admiração e proporcionavam horas de lazer não só à chique e elegante elite local.<sup>11</sup> Outrossim, atraíam os hóspedes em veraneio.

Embora esse espaço público despertasse o interesse de segmentos sociais privilegiados, estimulava-se o hábito das retretas dominicais na praça pública sob a justificativa de ser esta uma aspiração de “todas as classes sociais<sup>12</sup>”. Da mesma forma, a estréia e o uso do coreto como espaço disponível para concertos populares, ao ar livre, foram celebrados. O coreto, assim como os canteiros e as árvores então

plantadas, resistiu até os anos 1960, quando se construiu o Mercado Municipal, recentemente demolido.

Questões como estas, em que representações do real acabam por recriar a cidade, acomodam-se confortavelmente no âmbito das discussões em torno do traçado e da aparência urbanos.<sup>13</sup> Definições diante do que demolir ou o que construir novamente, como e em que lugar permeiam o processo de urbanização. A maneira pela qual se dá a sua materialização adapta-se ao conceito de “moderno”, entendido como aquilo que se move, desconstrói e reconstrói em meio à turbulência e, também, em meio ao sonho de se inaugurar um tempo inédito.<sup>14</sup> Uma vez mais deparamo-nos com antigos desejos renovadores da expectativa da população urbana. Contudo, novos anseios e inquietações vão surgindo e o caráter efêmero do “progresso” logo se torna evidente.<sup>15</sup>

Enquanto a cidade vivia a euforia da inauguração do jardim da praça central, através da imprensa o poder público recebia aplausos como o responsável por proporcionar mais um espaço socialmente privilegiado. Outro jardim, o do largo da Conceição (Praça Governador Valadares, porém, com versão completamente modificada da atual), fora igualmente projetado para contar com coreto, bar, campo para jogo de tênis e rинque para patinação. O coreto iria funcionar, por muito tempo, como lugar de atuação dos profissionais da música com suas bandas, estimulados por contratos de apresentações com a prefeitura de então.

Vislumbrando-se o desfrute daquele domínio pelas “moças e rapazes de bom gosto”,<sup>16</sup> a grande expectativa, sem dúvida, ficava por conta da criação da gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Ali se reproduzia o modelo londrino de parques, tradicionalmente projetados com a técnica inglesa de jardinagem na qual não podiam faltar estereótipos como grutas, riachos e caminhos sinuosos.<sup>17</sup>

O interesse pelas diversões<sup>18</sup> fora do universo familiar e privado evidenciava-se na medida em que as emoções de final de semana se intensificavam a cada patinação nos rинques da Avenida D’Abadia (atual Avenida Antônio Carlos) e da Praça da Conceição. As corridas de cavalos na Rua da Raia (hoje, Rua Dom José Gaspar) e o jogo de futebol promovido por agremiações, que lentamente se formariam até os anos 1930, tiravam Araxá de uma suposta monotonia e já

despertavam hábitos de uma vida saudável.

A atração pela natureza em equilíbrio com o panorama urbano convidava não apenas os aquáticos ou veranistas. Inseriam-se neste grupo os “elegantes da cidade” para usufruírem momentos de prazer. O parque do Barreiro foi freqüentemente eleito para acolher as pessoas que buscavam não apenas a saúde, mas um ambiente natural, passível de socialização oferecida pelas possibilidades dos passeios em público. Nesse aspecto, a necessidade de escapar das mesmas atribulações sentidas num grande centro não era o caso dos moradores locais. Mas o Barreiro oportunizava uma certa privacidade, mesmo sendo um espaço público.<sup>19</sup>

Em relação aos melhoramentos que a iniciativa particular realizou no entorno das fontes, a partir de 1915, destacou-se a valorização do meio natural como fator de “progresso” em contraposição a algo que pudesse remeter à idéia de “atraso”. Das reivindicações à época dirigidas ao governo de Minas Gerais constava a necessidade de conservar as áreas verdes sob o argumento de estas oferecerem espaços aos exercícios, a pé ou a cavalo. Estâncias hidrominerais como Araxá seduziam habitantes das capitais como refúgio adequado à prática de atividades físicas tendo a natureza como cenário.

Há muito podia-se ler na *Gazeta do Araxá* apelos convidativos às idas ao Barreiro, aos domingos. Mas, nenhum deles fora tão incisivo como neste artigo de 1917:

*O povo araxaense não se resolveu ainda a procurar nos seus dias de lazer, a frescura e o silencio dos bosques do Barreiro. Não ha por enquanto, no Araxá, para um passeio rapido e agradabilissimo de auto, outro rumo a tomar senão o de nossa milagrosa estancia. (...) Os bosques do Barreiro merecem uma visita todos os domingos, de toda a elegancia da terra (...).*<sup>20</sup>

8

Ainda assim, o território do Barreiro foi palco de piqueniques, mesmo que realizados restritamente por pessoas que tivessem condução particular ou, por vezes, contratada de terceiros, municinando-se de

*(...) iguarias finas, bons vinhos, excellente orchestra, os vapores do champagne,*

*a poesia do logar, a harmonia, a cordialidade, as danças, tudo, concorreu a par de um dia claro e fresco, para tornar digno de saudades esse pic-nic onde as senhoritas na expansão das graças e os cavalheiros na do espírito atencioso formara a nota predominante daquela distincta reunião.*<sup>21</sup>

Dentre a população local, o acesso às fontes se restringia de certa forma a quem dispusesse de automóvel. O caráter elitizante desse tipo de divertimento vinha sobrepor-se à proposta da estrada de autos, criada em 1915, quando se chegou a pensar que o homem tivesse vencido as dificuldades naturais, colocando as águas de Araxá ao alcance dos menos desprovidos de fortuna.

A mesma celebração da vida campestre como forma de entretenimento pode ser notada quando das longas discussões em torno da implantação de bondes elétricos ligando a cidade à estação de águas. Atribuindo o alto custo dos veículos como fator de exclusão dos segmentos sociais não endinheirados, acreditava-se que a viagem a ser percorrida pelo meio de transporte pretendido.

*(...) deveria ser feita em uma via arborizada, tornando um deleite para os passageiros (...). Todas as arvores seriam educadas de modo só bracejarem acima da linha de alta tensão, para evitar desastres e estabelecer a uniformidade do frondoso tunel verde. Paralelo aos trilhos, tendo em vista a duplicação deveria ficar um trecho destinado aos automoveis, para os argentários que não quisessem utilizar o bonde.*<sup>22</sup>

Ainda que tais bondes não tenham ultrapassado a condição de projeto não executado, a idealização e os objetivos desta via estiveram associados a outros meios de favorecer a estância, tais como o lazer, o transporte, a rede hoteleira e o jogo. Somados às águas, os ares bucólicos de Araxá traziam homens e mulheres para as temporadas, que podiam ser de banhos e de descanso, mas também de jogos.<sup>23</sup> O jogo era praticado nos hotéis por segmentos privilegiados, enquanto os bares não deixavam de oferecer o concorrido carteadado. Paradoxalmente, a vida cotidiana caracterizava-se por elevado teor de heterogeneidade e, por isso, as estações revelavam-se como uma combinação de atributos diferentes, porém

integrados.

Em meados da década de 1930, os araxaenses, entusiasmados, viram aproximar-se a oportunidade de ganharem, agora sim, condições propícias ao recreio e ao bem-estar dos usuários das águas. Recomendava-se que os visitantes em busca de repouso fossem cercados da comodidade inerente àquele período de ausência de trabalho. Nada mais indicado do que agregar a exuberância da natureza com o conforto material. A proposição dominante naqueles anos do período Getúlio Vargas de que todo cidadão deveria ser um trabalhador no sentido exato do termo reservava-lhe o direito ao descanso. Nesse sentido, muitos habitantes locais criaram diversas maneiras de fazer expandir sua cidade, por meio do trabalho e da possibilidade de antecipar-se ao tempo, a partir da leitura que cada um fazia daqueles espaços urbanos.

Pensar Araxá com sua estância hidromineral e suas experiências diárias é pensar sobre a organização do urbano e a relação deste com os habitantes, com o meio ambiente, com seus espaços de luta e de poder. É, da mesma forma, pensar sobre as relações de trabalho, a vida doméstica, os eventos temporários, o descanso, o entretenimento, enfim, sobre a aludida interação entre todos estes.<sup>24</sup> É, ainda, pensar e apreender a idéia de como personagens, espaços, temporalidades e práticas sociais levam à materialidade construída, isto é, à conformação de um patrimônio cultural.

O Barreiro foi naturalmente criado com seus espaços onde brotaram água, lama e demais riquezas minerais. Tantos outros pontos daquela área viram-se histórica e culturalmente transformados tendo em vista a concepção de uma cidade, preferencialmente, uma cidade-jardim. O núcleo urbano recebeu intervenções ancoradas no poder de riscar e de calcular dos engenheiros e construtores, aliado às ações médicas que respaldavam os pressupostos da chamada linha higiênico-sanitarista e às decisões dos administradores públicos.<sup>25</sup>

Com instrumentos assim disponíveis acreditava-se que, uma vez alicerçada nos preceitos técnicos, a cidade poderia tornar-se tanto aprazível quanto saudável. Entre o natural e o construído formaram-se o balneário e a cidade como algo produzido sob o caráter emblemático das águas do Barreiro. Resta-nos, aos habitantes

dessa cidade, identificar as formas de senti-la, construindo-a socialmente e fazendo novas escolhas para protegê-la, ou não, enquanto patrimônio histórico-cultural. Resta-nos, por fim, tentar compreender como o espaço urbano é permeado por tensões na construção social do espaço público, caracterizando a experiência urbana e a luta social e, ainda, compreender os processos por meio dos quais marcos culturais e símbolos locais são produzidos e modificados.<sup>26</sup>

## Referências e Notas

<sup>1</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>2</sup> MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.” In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003.

<sup>3</sup> Sobre patrimônio cultural, ver: CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

<sup>4</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis de. “Da mecânica ao motor: a idéia de natureza no Brasil no final do século XIX.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUC, n.23, nov. 2001.

<sup>5</sup> BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994.

<sup>6</sup> MINAS BRASIL. Araxá, n.211, 01/05/1925, p.2. Arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

<sup>7</sup> LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Via de duplo sentido: Araxá cidade-balneário (1920-1940)*. Dissertação (Doutorado em História Social), PUC-SP, São Paulo, 2007.

<sup>8</sup> DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>9</sup> CHOAY, Françoise. Op. cit. e SALGUEIRO, Heliana Angotti. “Revisando Haussmann: os limites da comparação. A Cidade, A Arquitetura e os Espaços Verdes: o caso de Belo Horizonte.” In: REVISTA USP. São Paulo, vol.26, 1995.

<sup>10</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo: sociedade e cultura nos prementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. SALGUEIRO, Heliana Angotti. “Revisando Haussmann: os limites da comparação. A Cidade, A Arquitetura e os Espaços Verdes: o caso de Belo

Horizonte.” In: REVISTA USP. São Paulo, vol.26, 1995.

<sup>11</sup> A conceituação de elite aqui em uso identifica-se com o que propõe Jeffrey Needell ao associá-la a uma definição mais ampla de poder – poder derivado da riqueza, da ocupação e do status social reconhecido, bem como da posição política; e, mais comumente, derivado de uma combinação de todos estes fatores. Conforme esta definição está prevista a possibilidade de inserção de novos elementos ao grupo. NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>12</sup> JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.03, 02/03/1919, p.1. Arquivo FCCB.

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

<sup>14</sup> Utiliza-se aqui a linha teórica de Marshall Berman, que analisa a modernidade enquanto um conjunto de diversas experiências vividas “de tempo e de espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida [...]” e que denomina modernização aos “processos sociais” e vitais, portanto, aos tipos de experiências asseguradas por quem se pretende “moderno”. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

<sup>15</sup> BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Ver também: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994 e BERMAN, Marshall. Op. cit.

<sup>16</sup> JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.12, 11/05/1919, p.1. Arquivo FCCB.

<sup>17</sup> NEEDELL, Jeffrey. Op. cit.

<sup>18</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. cit.

<sup>19</sup> SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>20</sup> GAZETA DO ARAXÁ. Araxá, n.08, 15/07/1917, p.2. Arquivo FCCB.

<sup>21</sup> A VOZ PAROCHIAL. Araxá, n.22, 01/04/1918, p.1. Arquivo FCCB.

<sup>22</sup> JORNAL DE ARAXÁ. Araxá, n.32, 03/08/1919, p. 1. Arquivo FCCB.

<sup>23</sup> MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

<sup>24</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2.ed., vol.1. Tradução de Rui

Jungmann. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

<sup>25</sup> Ao referir-se à urbanização no século XIX, Richard Sennet a define como para além da “difusão de hábitos urbanos”; a conceitua, ainda, como uma “difusão de forças antitradicionais”, envolvendo a administração, as finanças e as leis. SENNET, Richard. Op. cit.

<sup>26</sup> CHOAY, Françoise. Op. cit.

\* **Glaura Teixeira Nogueira Lima**, Mestre em História pela UNESP, Doutora em História pela PUC-SP, com apoio do CNPq, trabalha no GT Consultoria Histórica..

**Endereço eletrônico:** glaurateixeira@uai.com.br.

---

**Abstract** – This study is about some considerations born during my elaboration of doctor thesis defended at the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), in 2007, financed by CNPq, whose motivation was to analyze the form of Araxá while a health-resort city and the intense space, social and cultural relations present in it. The aim of this discussion now is about the urban organization, more specifically its interface with its nature with the constructed support materials and with the identity study formations. In order to realize this, I take three important places as the center of investigation: Barreiro, the old Governador Valadares Square and also the Coronel Adolpho Square, since its conception in the decade of 1910 until the recent demolition of Mercado Municipal. This route can illuminate some attempts of creation and recreation of the city, revealed in the symbolic and in the practical ways of representation, in temporalities end in materiality of constructions, as in its cultural patrimony.

**Key-words:** nature, urbanism, identity, cultural patrimony

---

